DOI: 10.29327/5923968.1-5

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: O COMITÊ ÉTNICO-RACIAL EM UMA ESCOLA DA RJE

Camila Portugal da Paixão[1]
Maria Aparecida Marques da Rocha[2]

Resumo: Este artigo apresenta uma análise das ações de educação antirracista do Colégio Antônio Vieira (Salvador/BA), considerando a atuação do Comitê para Educação nas Relações Étnico-Raciais (CERER). A pesquisa, vinculada ao Mestrado Profissional em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), adotou abordagem qualitativa, utilizou o estudo de caso e análise de conteúdo como procedimentos metodológicos. Os dados foram coletados por meio de análise documental, encontros com membros do comitê e aplicação de questionário. O referencial teórico articula autores como Conceição Evaristo, Silvio Almeida, Barbara Carine Pinheiro, Frantz Fanon, Sueli Carneiro, entre outros, além de documentos da RJE. Os resultados indicam que, embora haja reconhecimento da importância das práticas antirracistas e da existência do CERER, a participação efetiva da comunidade escolar ainda é limitada. Como produto da pesquisa, propõe-se a construção de uma política institucional de educação antirracista, com vistas ao fortalecimento da cultura escolar voltada à equidade racial e ao engajamento coletivo. A articulação entre Pedagogia Inaciana e educação antirracista revela-se possível como caminho das práticas pedagógicas em escolas confessionais.

Palavras-chave: educação antirracista; relações étnico-raciais; pedagogia inaciana; escrevivência.

1 Colégio Antonio Vieira (CAV), Salvador (BA), Psicopedagoga, Orientadora Educacional. E-mail: camila.portugal@cav-ba.asav.org.br | ORCID: https://orcid.org/0009-0007-6595-7494.

2 Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo (RS), Doutora em Serviço Social. Professora e pesquisadora do PPG em Gestão Educacional - Mestrado Profissional. E-mail: mamrocha@unisinos.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6171-6676.

1. Feituras do pesquisador antirracista

A presente escrita é um artigo baseado na dissertação apresentada no programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, do Mestrado Profissional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na Linha de Pesquisa II: Gestão de Educação Básica e Superior, que pesquisou as ações educativas de combate ao racismo no Colégio Antônio Vieira (CAV), a partir do seu Comitê de Educação para as Relações Étnico-Raciais (CERER).

A pesquisa considerou também as minhas experiências pessoais como mulher negra, neta de uma Ialorixá, filha de uma mulher que foi criada em um convento da Ordem do Sagrado Coração de Jesus. Atualmente, atuo no Serviço de Orientação Educacional (SOE) e exerço a função de Orientadora Educacional em uma das escolas da Rede Jesuíta de Educação (RJE), localizada em Salvador, Bahia. Aparecem, portanto, neste texto e na pesquisa realizada, expressões de origem africana, com o intuito de diminuir possíveis estranhamentos em torno do objeto estudado e dos seus sujeitos. Nesse âmbito, tomamos por empréstimo a escrevivência (Evaristo, 2014) como elemento fundante para o desenvolvimento da produção. A ideia de escrevivência, termo cunhado pela escritora brasileira e negra, Conceição Evaristo (2014), considera que escreviver é contar histórias que são particulares, especificamente entre mulheres negras, mas que remetem a, e representam, outras experiências que são coletivas. Nessa perspectiva, ao localizar a escrita sob um objeto de estudo que me atravessa, considerarei a escrevivência enquanto um recurso metodológico, pois ela se utiliza da experiência do autor para viabilizar narrativas que contribuem às experiências coletivas.

Este trabalho não tem como foco a história do continente africano, já vastamente abordada de forma competente em diversas publicações. Porém, trata-se aqui de uma produção científica, cujo objeto de pesquisa orbita em torno das consequências negativas geradas pelo racismo, e que intenciona agregar conhecimento que possa contribuir com o desenvolvimento de educação apropriada para os povos negros da Diáspora Africana na contemporaneidade. É importante, assim, nos reportarmos, nas medidas pertinentes ao trabalho, ao passado da África. Do contrário, certamente seria mais difícil o entendimento sobre como o presente se apresenta e quais as perspectivas para o futuro. A noção de pobreza, falta de desenvolvimento e primitivismo que muitas pessoas têm, quando se reportam ao continente africano e aos seus povos, não ocorre sem fundamento. Na verdade, ela é o que se pode chamar de consciência coletiva forjada ao longo da história. Ora, isso não ocorre sem intencionalidade, mas é fruto de uma estratégia dos europeus, que no período colonial, dominavam o sistema escravista e tinham no continente africano o seu maior fornecedor de mão de obra escrava, que era adquirida através do sequestro deliberado de homens, mulheres e crianças. Ou seja, quanto menos valoroso e próximo ao ideal de homem

branco o escravizado era, mais se justificava a sua condição de desumano e, portanto, de escravo.

Antes de propor estratégias para a implementação de uma Educação Antirracista, é imprescindível compreender a decolonialidade dos pensamentos dos sujeitos envolvidos nos processos pedagógicos. Esse conceito é fundamental porque abarca a desconstrução das subjetividades negativas historicamente construídas sobre os povos africanos que chegaram ao Brasil em condição de escravizados, cujas vidas foram profundamente impactadas pelo colonialismo. Tal transformação não se limitou à mudança geográfica, mas constituiu uma ruptura abrupta e violenta, que desfigurou rotas de vida e identidades.

Nesse contexto, o letramento étnico-racial deve ser ofertado tanto para pessoas negras quanto para não negras. Embora possa parecer incoerente direcionar esse letramento também às pessoas negras, a profundidade do processo de escravização e seus efeitos no imaginário social justificam essa necessidade. Como ilustra Harriet Tubman, importante liderança do Abolicionismo Americano, muitos escravizados desconheciam sua própria condição, evidenciando a urgência de práticas educativas que promovam consciência crítica (Pinheiro, 2023).

O racismo, enquanto fenômeno estrutural, permeia todas as instâncias sociais, inclusive a escola, impactando a formação identitária e as relações pedagógicas. Neuza Santos Souza (1983), em Tornar-se negro, reforça que a superação desses efeitos demanda a construção de uma identidade politizada e o reencontro com as próprias histórias. Assim, esta pesquisa se justifica pela necessidade de propor ações pedagógicas que contribuam para a desconstrução de paradigmas racistas e para a promoção de uma educação equânime, capaz de transformar realidades sociais e escolares.

Ao propor escrever sobre a educação antirracista em uma instituição da Rede Jesuíta de Educação (RJE), seus sujeitos e as ações pedagógicas que combatem o racismo estrutural na escola, reafirmamos a necessidade de investir no entendimento sobre a comunidade escolar e as pessoas que a constituem, pois se trata de um longo e demorado processo de transformação de nossas estruturas mentais e que, portanto, consciente ou inconscientemente, forjam a maneira de educar que marcou a nossa própria formação. Diante de tais provocações, investigamos como problema dessa pesquisa: Como a criação de um comitê para a educação nas relações étnico-raciais pode contribuir com o combate ao racismo no Colégio Antônio Vieira?

A educação brasileira vive transformações socioculturais, econômicas e políticas adversas que impactam, principalmente, as pessoas negras desse país. Essa afirmação é corroborada tendo em vista o contexto já mencionado neste trabalho e as constatações obtidas, por exemplo, através das diversas pesquisas sobre a condição do negro no Brasil. Isso gera, não só para as/os educadoras/es, mas também para toda sociedade, uma necessi-

dade de implementação de novas políticas públicas de educação que contemplem o olhar e o reconhecimento sobre as diversidades étnico-raciais e as mazelas a que continuam submetidas muitas pessoas negras. Dessa forma, listamos os objetivos gerais e específicos do presente estudo: analisar os possíveis impactos das ações de combate ao racismo no Colégio Antônio Vieira, considerando a atuação do seu Comitê para Educação nas Relações Étnico-Raciais.

Constituiram objetivos específicos buscados nessa investigação: a) Examinar as construções antirracistas existentes na escola, a partir dos textos legais, dos documentos da Cia. de Jesus e das revisões bibliográficas que contribuem à pesquisa; b) Compreender como estão estruturadas as questões sobre identidade étnico-racial no Colégio Antônio Vieira; c) Analisar as ações de combate ao racismo desenvolvidas pelo Comitê para Educação Étnico-Racial junto à unidade escolar estudada; d) Sistematizar uma proposta de intervenção para articular os resultados do estudo realizado com novas práticas pedagógicas, que contribuam para o combate ao racismo na comunidade educativa estudada.

O lócus da pesquisa, seu campo empírico, que na pesquisa nos referimos como terreiro, é o espaço de trabalho da pesquisadora, que atua como orientadora educacional e que, à época da escrita, estava como coordenadora do Comitê para Relações Étnico-Raciais. É o Colégio Antônio Vieira (CAV), uma instituição de ensino com 114 anos de existência, situada, desde 1945, no bairro do Garcia, na cidade de Salvador/BA, uma das instituições de ensino pertencentes à Companhia de Jesus. O Colégio tem assim a sua identidade fundamentada na formação humanística que tem como missão promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inacianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos.

De acordo com algumas tradições afrodiaspóricas, e a partir de uma perspectiva teórico-conceitual, abordamos terreiro como o território onde dinâmicas sociais, religiosas e simbólicas se desenvolvem. Se pensamos nos terreiros de candomblé, a partir de uma crítica afrocentrada, considera-se a organização socioespacial que rompe com a lógica das tradições hegemônicas. O terreiro desta pesquisa é o Colégio Antônio Vieira (CAV), uma instituição de ensino com 114 anos de existência, situado, desde 1945, no bairro do Garcia, na cidade de Salvador/BA, uma das instituições de ensino pertencentes à Companhia de Jesus, sobre a qual discorremos no capítulo anterior. O Colégio tem assim a sua identidade fundamentada na formação humanística.

Ao longo dos anos, o colégio passou por uma série de reformas e adaptações para atender melhor a sua comunidade educativa e seguir acompanhando a evolução e as demandas geradas pelas mudanças históricas e sociais. O CAV oferta educação do 1º ano do Ensino Fundamental ao

3º ano do Ensino Médio e tem o seu corpo discente composto por crianças e adolescentes, a maioria delas oriundas da classe média alta baiana e, portanto, majoritariamente branca. As aulas e demais atividades são desenvolvidas nos turnos matutino e vespertino, além do Ensino Médio noturno gratuito, voltado para jovens a partir de 15 anos, cuja renda familiar per capita não excede o valor de um salário mínimo e meio. Aqui, a escola muda de cor, pois a maioria dos estudantes do curso noturno se declara preta ou parda.

No contexto dos imperativos legislativos já mencionados e dos debates contemporâneos sobre racismo. No contexto dos imperativos legislativos já mencionados e dos debates contemporâneos sobre racismo, constatada a necessidade de reconhecimento e de reparação histórica, o Conselho Diretivo do Colégio propôs a criação de um comitê para Educação nas Relações Étnico-Raciais. O Comitê emerge em dezembro de 2020, em meio a uma realidade pandêmica e, portanto, de educação remota. A Direção Geral solicitou que o comitê, entre outras atividades, discutisse a temática junto à comunidade educativa, bem como assumisse o papel de sistematizador das ações que contemplassem o objetivo de elaborar e executar estudos e estratégias fundantes que visassem a um maior entendimento sobre as práticas de uma Educação Antirracista, embasado nas leis vigentes e nos pressupostos preconizados pela Companhia de Jesus.

2. Apresentação e explicitação dos referenciais bibliográficos

A construção teórica deste artigo se apoia em autores que problematizam as relações étnico-raciais e os desafios da educação para a equidade. A perspectiva dialógica entre saberes historicamente acumulados e as experiências cotidianas da comunidade escolar é inspirada em Paulo Freire (1996), que defende uma educação crítica e libertadora, capaz de promover transformações sociais.

Entender a necessidade de estudar e compreender autores que abordam temáticas como as elencadas anteriormente, numa perspectiva dialógica entre conteúdos acumulados historicamente pela humanidade e os do cotidiano dos sujeitos da comunidade escolar estudada, é contribuir para fortalecer os percursos formativos dessa comunidade no que tange às possíveis mudanças nas concepções de educação já construídas e nas idiossincrasias que contribuem para forjar as identidades dos seus sujeitos, evitando que a falsa ideia que permeia o imaginário de muitos, de que o fenômeno do racismo ocorreu no Brasil sem maiores conflitos. Sobre isso, utilizamos as contribuições da escritora Cecília Maria Marinho de Azevedo.

No campo das reflexões sobre racismo estrutural, recorremos a Silvio Almeida (2019), que conceitua o racismo como um fenômeno que atra-

vessa as estruturas sociais, exigindo ações institucionais para sua superação. Para compreender os impactos subjetivos do racismo e a necessidade de construção identitária, dialogamos com Neuza Santos Souza (1983) e Frantz Fanon (2020), cujas obras revelam os efeitos psicológicos e sociais da opressão racial.

A dimensão da escrevivência, proposta por Conceição Evaristo (2007), orienta a escrita como prática de resistência e afirmação da identidade negra, articulando experiência e produção de conhecimento. Além disso, a filosofia Ubuntu, discutida por autores como Barbara Carine Pinheiro (2023), reforça a ética da coletividade e da interdependência, fundamentais para práticas pedagógicas antirracistas.

Por fim, destacamos a contribuição de Kabengele Munanga (2005), que alerta para a falta de preparo das instituições escolares diante da diversidade racial, apontando a educação antirracista como caminho para a construção de uma sociedade mais justa. Essa reflexão sustenta a necessidade de políticas e práticas que promovam o reconhecimento das diferenças e a valorização das identidades no espaço escolar.

3. Percurso investigativo, levantamento e análise dos dados

O percurso metodológico adotado nesta pesquisa, que utilizou a metáfora de comer na gamela, fundamenta-se na perspectiva de compartilhamento e retroalimentação de saberes. A investigação foi concebida de modo a permitir que os leitores compreendam detalhadamente as etapas realizadas, possibilitando que os achados e reflexões aqui sistematizados sirvam como referência para estudos futuros sobre a mesma temática. Essa abordagem busca garantir transparência no processo investigativo e fomentar a construção coletiva do conhecimento, característica essencial em pesquisas voltadas para práticas educacionais e sociais. Comer na gamela pode sugerir que todos os participantes têm acesso igualitário aos alimentos disponíveis; não há distinção hierárquica entre quem come mais ou menos; todos compartilham da mesma refeição de forma justa. Isso pode reforçar os conceitos de solidariedade e de coletividade. Este ato simboliza um senso de cooperação entre os indivíduos que compartilham a gamela. É visto como um gesto de união e apoio mútuo, em que a comida serve não apenas para saciar a fome física, mas também para fortalecer os laços sociais e comunitários. Segundo Ana Maria Canesqui e Rosa Wanda Diaz Garcia (2005),

> O fato de a comida e o ato de comer serem prenhes de significados não leva a esquecer que também comemos por necessidade vital e conforme o meio e a sociedade em que vivemos, a forma como

> ela se organiza e se estrutura, produz e distribui os alimentos. Comemos também de acordo com a distribuição da riqueza na sociedade, os grupos e classes de pertencimento, marcados por diferenças, hierarquias, estilos e modos de comer, atravessados por representações coletivas, imaginários e crenças.

Em muitas culturas ao redor do mundo – e aqui, em especial, lembramos de algumas culturas africanas – comer na gamela é uma prática enraizada na tradição.

No capítulo específico de análise de dados chamado *Juntando as Miçangas*, foram comparadas e analisadas as respostas das quinze questões (sendo seis fechadas e nove abertas), que compunham o questionário aplicado pela pesquisadora com membros da comunidade educativa atuantes em vários setores, e foi possível observar, por exemplo, que alguns questionamentos e respostas emergiram como recorrentes e acabaram por indicar bases para definição das categorias estabelecidas para análise dos resultados da pesquisa. Para tanto, foi utilizada a análise de dados de natureza sistemática com foco em significados. Perguntas como "Há necessidade de espaços que sistematizem ações antirracistas na escola?" e "Existe um público-alvo que considera mais importante ser atingido pelas ações antirracistas da escola?" trouxeram inquietações que nos fizeram selecionar duas categorias que melhor dialogavam com a pesquisa: questões étnico-raciais; efeitos das práticas antirracistas do CERER.

Entendemos que essa díade abarcou o máximo de variáveis que faziam sentido para a pesquisa. Por isso, as categorias foram definidas a partir dos objetivos específicos na busca das respostas ao nosso problema de pesquisa: **Como a criação de um comitê para a educação nas relações étnico-raciais pode contribuir com o combate ao racismo no Colégio Antônio Vieira?**

Mesmo diante de um alto nível de aprovação, inferido através das respostas do questionário, é prudente identificar e abordar áreas específicas nas quais o Comitê pode melhorar sua comunicação, transparência, participação ou percepção de impacto. A identificação dessas áreas de melhoria pode não apenas otimizar a eficiência operacional do Comitê, mas também fortalecer sua capacidade de responder, de maneira eficaz, às expectativas e necessidades daqueles que são beneficiados por suas atividades.

4. Apresentação e explicitação da proposta de intervenção

O conceito de oferenda, originalmente desenvolvido na dissertação da qual este artigo deriva, foi utilizado para nomear o capítulo que discorre sobre a proposta de intervenção sugerida pela pesquisadora e para metafo-

rizar o ato de entregar ao CAV o produto da pesquisa realizada na escola que constituiu o campo empírico do estudo. Em seu uso tradicional, em diferentes culturas e religiões, as oferendas integram rituais marcados por gestos de devoção e simbolismo. No entanto, na pesquisa que fundamenta este artigo, o termo foi ressignificado para expressar simbolicamente a potência da educação, sem afastar-se do rigor metodológico e da materialidade exigidos em um mestrado profissional.

Neste artigo, retomamos e reelaboramos a produção técnica apresentada na dissertação, que consiste em diretrizes para a construção e redação de uma Política Antirracista que vise introduzir e estabelecer princípios orientadores para um processo novo, urgente e necessário a ser promovido no Colégio Antônio Vieira, com o compromisso de apoiar iniciativas que promovam a equidade racial, assim como contribuir para criar uma cultura que valorize e respeite as diferenças, pois parece-nos que é tempo propício – apesar de parecer contraditório, já que, de uma maneira ou de outra, a sociedade ainda se vê diante das denúncias e constatações sobre o racismo que segue operando fortemente nas relações sociais vigentes. Tal material é proposto como instrumento para processos coletivos de avaliação, debate e elaboração dessa política no âmbito do CERER, podendo também ser desenvolvido por um Grupo de Trabalho específico, com participação ampliada da comunidade escolar, incluindo famílias e estudantes.

Referências

ALMEIDA, S. A. G. **Racismo estrutural**. 111. ed. São Paulo: Pólen, 2019.

ASANTE, M. K. Interracial apostolate. *In*: AIXALA, J. (ed.). **Justice with faith today**: selected letters and addresses II. St. Louis: The Institute of Jesuit Sources, 1980. p. 13-27.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. Afrocentricidade como um novo paradigma. *In:* NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. (org.). **Antropologia e nutrição**: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. Vieira intensifica ações voltadas para a educação étnico-racial. **Colégio Antônio Vieira**, 27 set. 2021. Disponível em: https://www.colegioantoniovieira.com.br/vieira-intensifica-acoes-voltadas-para-a-educacao-etnico-racial/. Acesso em: 3 nov. 2025.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. Biblioteca do Vieirinha ganha painel em homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus. **Colégio Antônio Vieira**, 19 out. 2021. Disponível em: https://www.colegioantoniovieira.com.br/biblioteca-do-vieirinha-ganha-painel-em-homenagem-a-escritora-carolina-maria-de-jesus/. Acesso em: 3 nov. 2025.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. Em formação antirracista, colaboradores do Vieira assistem filme e têm roda de conversa com roteirista Aldri Anunciação. **Colégio Antônio Vieira**, 20 jun. 2022. Disponível em: https://www.colegioantoniovieira.com.br/em-formacao-antirracista-colaboradores-do-vieira-assistem-filme-e-tem-roda-de-conversa-com-roteirista-aldri-anunciacao/. Acesso em: 3 nov. 2025.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. Exposição de fotos é aberta no Vieira estimulando novo olhar para povos indígenas. **Colégio Antônio Vieira**, 15 jul. 2022. Disponível em: https://www.colegioantoniovieira.com.br/exposicao-de-fotos-e-aberta-no-vieira-estimulando-novo-olhar-para-povos-indigenas/. Acesso em: 3 nov. 2025.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. Integrantes de comitê do Vieira participam de 1º Encontro Nacional da Articulação Afro-Brasil SJ. **Colégio Antônio Vieira**, 9 nov. 2022. Disponível em: https://www.colegioantoniovieira.com.br/integrantes-de-comite-do-vieira-participam-de-1o-encontro-nacional-da-articulacao-afro-brasil-sj/. Acesso em: 3 nov. 2025.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. Integrante da Articulação Afro-Brasil SJ, Profa. Valdenice Raimundo, é entrevistada por Comitê para Educação Étnico-Racial e professores do Vieira. **Colégio Antônio Vieira**, 19 nov. 2022. Disponível em: https://www.colegioantoniovieira.com.br/integrante-da-articulacao-afro-brasil-sj-profa-valdenice-raimundo-e-entrevistada-por-comite-para-educacao-etnico-racial-e-professores-do-vieira/. Acesso em: 3 nov. 2025.

COLÉGIO ANTÔNIO VIEIRA. Vieira reafirma junto a colaboradores propósitos para uma educação antirracista. **Colégio Antônio Vieira**, 9 mar. 2023. Disponível em: https://www.colegioantoniovieira.com.br/vieira-reafirma-junto-a-colaboradores-propositos-para-uma-educacao-antirracista/. Acesso em: 3 nov. 2025.

EVARISTO, C. Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. *In*: ALEXANDRE, M. A. (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MUNANGA, K.; GOMES, N. Educação cidadã é primordial para enfrentar o racismo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 fev. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/educacao-cidada-e-primordial-para-enfrentar-racismo-diz-kabengele-munanga.shtml. Acesso em: 13 nov. 2025.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. 9. ed. São Paulo: Planeta, 2023.

REDE JESUÍTA DE EDUÇAÇÃO. **Decretos da 36ª Congregação Geral**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **Projeto educativo comum da Rede Jesuíta de Educação Básica**: 2021-2025. São Paulo: Rede Jesuíta de Educação, 2021.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ANEXO – Ações do Colégio Antonio Vieira voltadas para a educação étnico-racial

Integrante do CERER CAV com o Professor Doutor Kabengele Munanga na Defesa de Memorial para Professora Titular Nanci Helena Rebouças Franco da UFBA.



Vieira intensifica ações voltadas para a educação étnico-racial. Adesão ao Pacto Educativo Global estimula novos avanços, como a formação para educadores com especialistas em pedagogia antirracista.



Fonte: Colégio Antônio Vieira (27 set. 2021).

Integrante da Articulação Afro Brasil/SJ, a professora Valdenice Raimundo foi entrevistada pelo Comitê de Educação Étnico-Racial e por docentes da rede. É também professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional.



Fonte: Colégio Antônio Vieira (19 nov. 2022).

Em formação antirracista, colaboradores do Vieira assistem filme e têm roda de conversa com roteirista Aldri Anunciação. Eventos integram conjunto de ações desenvolvidas pelo Comitê para Educação Étnico-Racial e de Gênero do colégio



Fonte: Colégio Antônio Vieira (20 jun. 2022).

Biblioteca do Vieirinha ganha painel em homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus. Ação integra programa do Colégio Antônio Vieira voltado para uma educação antirracista.



Fonte: Colégio Antônio Vieira (19 out. 2021).

Exposição de fotos é aberta no Vieira estimulando 'novo olhar' para povos indígenas



Fonte: Colégio Antônio Vieira (15 jul. 2022).

Integrantes de comitê do Vieira participam de 1º ENCONTRO NACIONAL DA ARTICULAÇÃO AFRO BRASIL SJ. No evento foram discutidas propostas para construção coletiva de ações antirracista nas obras da Companhia de Jesus.



Fonte: Colégio Antonio Vieira (9 nov. 2022).

Vieira reafirma junto a colaboradores propósitos para uma educação antirracista. Tema foi tratado em formação especial de abertura do ano letivo envolvendo toda a equipe.



Fonte: Colégio Antonio Vieira (9 mar. 2023).